

A BIBLIOTECA DE BABEL DE BORGES: PRECURSORA DA INTERNET?

Christopher Rollason

(a tradução portuguesa é do autor)

[Nota preliminar: neste ensaio, as citações originais de língua francesa foram traduzidas para o português; as de língua espanhola, do próprio texto de Borges, mantêm-se no original].

Em 16 de Abril de 1999, o jornal francês 'Libération' publicou uma entrevista com Ignacio Ramonet, director da prestigiosa publicação 'Le Monde Diplomatique', a qual incidiu principalmente na questão da 'revolução nas comunicações' ('Sur l'Internet, «une rumeur et une info se valent» - 'Na Internet, «tanto vale o boato como a informação»' - entrevista com 'R.Fl.', p. 36).

Ramonet apresentava o seu livro mais recente, 'La Tyrannie de la communication' (Paris: Éditions Galilée, 1999), oferecendo-o como uma abordagem crítica daquilo a que, nos termos do próprio 'Libération', se poderia chamar 'a proliferação de uma informa-

ção cada vez mais difundida, e cada vez menos controlada', sob o impacto das tecnologias modernas da comunicação e da informação. Esta obra é, de facto, principalmente uma crítica - bem argumentada, pormenorizada e convincente - das distorções, simplificações e desinformações (aquilo que em francês se chama 'l'info'), das quais o autor inculpa a imprensa escrita e os meios audiovisuais. Os principais alvos visados são as multinacionais da comunicação e a 'nova ideologia da informação contínua e em directo' (p. 67).

No livro de Ramonet, as referências à Internet são escassas e tangenciais, a pesar de um certo cepticismo evidente. Contudo, nas suas páginas surge, pelo menos de passagem, a noção de que a 'rede das redes' está a impor, de forma excessiva, uma sobrecarga de factos e opiniões, uma 'hiperabundância de informações' (p. 109), a maior parte das quais ninguém controlou e ninguém pode verificar - 'a partir de agora, o poder de publicar descentraliza-se: qualquer boato, seja verdadeiro ou falso, converte-se em informação, e os controlos outrora efectuados pelo chefe de redacção voam em estilhaços' (p. 192).

No entanto, na entrevista em 'Libération', encontramos o sr. Ra-

monet a lidar face a face com a Internet, assim desenvolvendo as posições que esboçou rapidamente no seu livro. Alguns aspectos do seu posicionamento merecem a nossa atenção. É de interesse particular o paralelismo que propõe entre a Internet e uma das imagens canónicas que nos proporcionou a literatura do século XX, ou seja, aquela biblioteca infinita que foi imaginada por um genial argentino a quem não faltavam raízes portuguesas, Jorge Luis Borges, no seu famoso conto, 'La Biblioteca de Babel'. Declara Ramonet: "Temos ... o excesso de informação, que confronta qualquer cibernauta com a sua própria ignorância no que concerne a pilotagem num oceano de informações, a maior parte das vezes dificilmente hierarquizáveis ou verificáveis. Estamos perante a síndrome da biblioteca de Babel, tal como a imaginou Jorge Luis Borges: biblioteca na qual se encontram todos os livros escritos e por escrever (em todas as línguas e todas as escritas) ... como naquela biblioteca de Babel, na Internet há inúmeras informações, com todas as suas variantes e aproximações; nada garante a veracidade dos dados; tanto vale o boato como a informação."

As ficções de Borges são frequentemente

aduzidas hoje como profecias da nossa época, não só por críticos literários mas também pelos próprios escritores. Assim, Salman Rushdie, no seu romance mais recente, "The Ground Beneath Her Feet" (London: Jonathan Cape, 1999; em português, 'O Chão que Ela Pisa', Lisboa: Dom Quixote, 1999), introduz certas 'intertextualidades', bem irónicas, referentes a livros e autores inventados por Borges (o *grande escritor* Pierre Menard; o *romance chinês* 'O Jardim dos Caminhos Bifurcados'), como se tivessem uma existência material, no contexto de uma cultura onde já não é possível distinguir o real do fictício (pp. 266 e 331 da edição portuguesa). Por outro lado, José Saramago, grande admirador de Borges, evocou, num colóquio no Parlamento Europeu em Bruxelas, em 23 de Março de 1999, a maneira como o escritor argentino soube criar uma 'literatura ritual anunciando um mundo, também ele, ritual' ('Encontro com José Saramago no Parlamento Europeu', 'A Aurora do Lima', Viana do Castelo, 21 Maio 1999, p. 3); aliás, de facto, no romance de Saramago 'Todos os Nomes' (Lisboa: Caminho, 1997), cujo enredo evolui na Conservatória do Registo Civil de um país não especificado, o leitor encontra-se perante uma perspectiva es-

magadora e infindável de prateleiras e armações de estantes, 'ciclópicas e sobre-humanas' (p. 13), constituindo um universo que quase poderia ser a biblioteca borgesiana, com a diferença de este labirinto de Saramago ser formado, já não por livros, mas por lúgubres ficheiros burocráticos.

Se agora voltarmos às argúcias de Ignacio Ramonet, poderá seduzir a ideia de desenvolver a noção da pertinência contemporânea, para interpretarmos a biblioteca de Borges como, em certa medida, uma prefiguração da Internet. Não obstante, a consideração atenta do texto borgesiano sugere-nos que se, de facto, poderá ser lícito extrair tais analogias, será imprescindível insistir na existência de certas dissonâncias, eventualmente cruciais.

Borges escreveu 'La Biblioteca de Babel' em 1941; o texto foi publicado nesse mesmo ano, numa colecção de contos com o título genérico de 'El jardín de senderos que bifurcan' (o texto utilizado para este artigo é o de uma reedição espanhola dessa mesma colecção, em: Jorge Luis Borges, 'Ficciones' - Madrid: Alianza, 1971; 'La Biblioteca de Babel', pp. 89-100).

No relato de Borges, a biblioteca infinita apre-

enta-se-nos do ponto de vista de um dos bibliotecários que vivem nela ('los hombres de la Biblioteca'): ele nasceu na biblioteca, passou a vida toda a errar entre as suas estantes, e sabe muito bem que ali morrerá. Tal existência poderia, decerto, ser lida como uma antecipação da vida dos habitantes do universo informacional-virtual de hoje ou amanhã, com a sua consciência saturada pelo fluxo incessante de ciberdados. A biblioteca de Borges, na sua totalidade, é composta pela soma de todos os textos que já foram escritos,

mais todos os outros textos possíveis - e, além disso, abrange todas as combinações possíveis de letras em todas as línguas e em todas as escritas humanas: 'la Biblioteca es total y ... sus anaqueles registan todas las posibles combinaciones de los veinticuatro símbolos ortográficos ... en todos los idiomas'. Isto significa, inevitavelmente, que na sua esmagadora maioria, estes livros não prestam para nada: são absolutamente inutilizáveis. Em termos estatísticos, seria uma enorme proeza que alguém encontrasse um só livro 'real',

Sebastião Salgado



legível, depois de passar longos meses a percorrer as prateleiras, e mesmo assim, poucas seriam as hipóteses de esse livro lhe ser da mínima utilidade. Assim, aqueles que duvidam do valor da Internet poderiam aproveitar-se de esta 'natureza informe y caótica de casi todos los libros' da biblioteca de Babel, para a ler como uma negra prefiguração da suposta proliferação, no ciberuniverso dos nossos dias, de reles produções - elucubrações de carácter ruim, inútil, fútil, trivial ou, no pior dos casos, altamente nefasto. De maneira menos drástica, até o internauta mais entusiasta poderá, de vez em quando, ter a impressão de que, em, diga-se, certos grupos de discussão, a dificuldade de identificar o bom trigo no meio de tanto joio não pode deixar de lembrar os piores pesadelos da biblioteca de Borges: 'Afirmar los impíos que el disparate es normal en la Biblioteca y que lo razonable (y aun la humilde y pura coherencia) es una casi milagrosa excepción'. Seguindo esta lógica, é o próprio Ramonet quem declara a 'Libération', num tom bastante aristocrático: 'Na rede, já se vêem multiplicar as «páginas editoriais», nas quais todo e qualquer indivíduo pode sentenciar sobre as questões mais diver-

sas ... com toda a cientificidade de uma leitória de bairro'.

Nesta fase da argumentação, porém, torna-se imperativo mudarmos de rumo, para relembrar aos eternos cépticos que a analogia que se pode tecer entre a Internet e a grande biblioteca borgesiana é, no fim de contas, *apenas parcial*. A Internet é, afinal, também *o produto dos seus utentes*. O ciberespaço não pertence ao domínio da ovinologia; se a biblioteca de Borges aparece como um dado preexistente e imutável ('La Biblioteca existe *ab aeterno*'), o caso de a Internet é totalmente diferente. A biblioteca virtual que se vai criando na Teia-de-Aranha distingue-se de toda e qualquer biblioteca precedente - quer real, quer imaginária; seja Alexandria, seja Babel - na medida em que é também a criação dos leitores. Os seus inúmeros volumes incluem, obviamente, material que foi posto lá pelos donos da sociedade, como também estão presentes as obras de autores consagrados; mas, igualmente, as estantes virtuais albergam uma imensa quantidade de *textos da autoria dos leitores, os quais passam a ser não só leitores mas também escritores, não apenas meros consumidores mas, simultaneamente, produtores*.

Quem dispuser de uma conta junto de um fornecedor de acesso à Internet já tem a possibilidade de criar o seu sítio pessoal, como também de enviar uma mensagem para um grupo de discussão, sem a obrigação de se submeter a qualquer mecanismo de filtração, selecção ou censura. A grande biblioteca que se chama Internet está em expansão contínua, e esta expansão é a obra de todos, e sobretudo do leitor comum, anónimo.

Estamos, assim, perante um fenómeno sem precedentes nos anais da história humana. É, porém, verdade que boa parte do material existente nesta biblioteca é de pouco interesse, a não ser para quem o produziu; também é verdade que há material nocivo. No entanto, é preciso opormos a estes factores a consciência das enormes conquistas que se estão a realizar, no que diz respeito à potencialidade colectiva da humanidade nas áreas de auto-expressão, comunicação, diálogo e participação cívica.

Na fábula de Borges, há um episódio no qual, num passado muito longínquo, centenas de pessoas percorreram as vastidões da biblioteca, cada qual a perseguir a sua 'Vindicação', o livro que, uma vez encontra-

do, iria justificar a existência de quem o lesse: 'libros de apología y de profecía, que para siempre vindicaban los actos de cada hombre del universo'. A procura foi, salvo algumas excepções, debalde: 'Las Vindicaciones existen (yo he visto dos que se refieren a personas del porvenir, a personas acaso no imaginarias), pero los buscadores no recordaban que la posibilidad de que un hombre encuentre la suya, o alguna pérdida variación de la suya, es computable en cero'. Mas no universo real-e-virtual de hoje, esta frustração já não é inevitável: o pesquisador que não conseguiu descobrir a sua 'Vindicação' na rede tem a possibilidade de escrever, ele mesmo, o texto que lhe fazia falta, e de acrescentá-lo logo à biblioteca por um simples toque de tecla - e já lá está, para que toda a gente a possa ler, rescrever, retocar, melhorar, comentar, refutar, contradizer, menosprezar - ou, simplesmente, esquecer.

Estamos a viver numa época na qual a comunicação social clássica cada vez mais quer impor uma mensagem de 'pensamento único', inculcar aquela ortodoxia unidimensional e conformista, devidamente avalizada pelos centros do poder, à qual George Orwell, na sua profética

anti-utopia '1984', deu o nome de 'goodthink'. Nestas circunstâncias, foi uma rede chamada Internet que surgiu do nada, para suprir a exigência de se poderem exprimir os 'outros' pontos de vista, sobre todo um elenco de temas, desde a guerra do Kosovo à OMC: posições que não são nem as dos governos, nem as das multinacionais. A atitude de um jornalista como Ignacio Ramonet, que, muito embora arremeta, com toda a justificação, contra o 'pensamento único', ataca, ao mesmo tempo, a suposta natureza 'não científica' do discurso cívico que agora existe na Internet, poderia não ser totalmente isenta daquele condicionamento que um velho psicólogo originário da Morávia, já desprezado por tantos como 'ultrapassado', uma vez denominou o 'complexo profissional' - neste caso, a noção, hoje seguramente mais discutível do que nunca, de que só os jornalistas de profissão e os intelectuais consagrados têm o 'direito' de se pronunciar no foro público sobre as grandes questões da actualidade. Se o ciberverso dos nossos dias é uma Biblioteca de Babel, trata-se de uma biblioteca que está a ser criada, neste mesmo momento, por mim, escritor, e também por ti, leitor - *'mon semblable, mon frère!'*

oOo

Esta é uma nova versão - revista, alongada e traduzida para o português - de um ensaio que teve a sua primeira publicação na Internet, em língua inglesa, em 1999, no grupo de discussão rec. arts. books, e posteriormente no endereço seguinte:

http://www.libyrinth.com/borges/borges_papers_rollason2.html. A versão inglesa já mereceu uma apreciação positiva da parte do crítico venezuelano Froilán Fernández, no seu ensaio 'Borges binario' ('El Nacional', Caracas, 29 de Agosto de 1999;

<http://www.analitica.com/bitbliblioteca/froilan/borges.asp>).

oOo

O Doutor Christopher Rollason licenciou-se em Filologia Inglesa na Universidade de Cambridge e obteve o seu doutoramento na Universidade de York (Inglaterra), com uma tese sobre Edgar Allan Poe. De nacionalidade britânica, é actualmente funcionário internacional e reside em França. Entre 1978 e 1987, foi docente da Faculdade de Letras de Coimbra, no Grupo de Estudos Anglo-Americanos. Entre as suas publicações mais recentes destacam-se:

'Entwining Narratives: Intertextuality in Vikram Chandra's «Red Earth and Pouring Rain»', *Il Tolomeo: Articoli, recensioni e inediti delle Nuove Letterature* (Universidade de Veneza), IV, 1998/1999, pp. 108-113, e: <http://www.indiastar.com/rollason.html>, e: 'A História na Literatura, a Literatura na História: José Saramago, Nobel português' (Farol, No 12, Maio de 1999, pp. 55-70, e: <http://www.farol.nortenet.pt>).

oOo

Mais uma vez se agradecem os conselhos linguísticos do Dr. Renato Correia.

Marlene

